

## PRÁTICA DOCENTE EM ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO SERIDÓ POTIGUAR

Jailson Valentim dos Santos<sup>1</sup>

Secretaria de Estado da Educação e Cultura - SEEC/RN. E-mail: [valentim8@yahoo.com.br](mailto:valentim8@yahoo.com.br)

**Resumo:** O texto tem como objetivo discutir o ensino de arte na Modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, na região do Seridó norterio-grandense. Suas reflexões têm como foco experiências docentes realizadas ao longo de 2016/2017, cujo intuito era aproximar processos artísticos e estéticos das práticas pedagógicas, considerando os “fazeres especiais” (Richter, 2003) em sala de aula. O campo empírico da pesquisa abrangeu duas escolas públicas estaduais dessa região. A proposta possibilitou mapear aqueles educandos que realizavam alguns desses “fazeres” no seu cotidiano e os convidávamos a compartilhar seus conhecimentos com os colegas de curso, permitindo, assim, que eles próprios se sentissem valorizados exercendo o papel de protagonistas de suas histórias de vida. A fundamentação teórica perpassa o corpo do texto e recai sobre o pensamento filosófico educacional de Paulo Freire (1996; 2001; 2014), uma vez que este segue no sentido de promover mudanças sociais pelas práticas cidadãs e pelas reflexões que despertam uma consciência crítica de todos aqueles envolvidos no processo de ensino/aprendizagem. As questões da Arte estão alicerçadas em resultados de investigações realizadas por Ana Mae Barbosa (1998) e João-Francisco Duarte Junior (2010; 1983), entre outros estudiosos que embasam o ensino de Arte nesta contemporaneidade. As práticas de ensino de arte que são realizadas no Seridó buscam integrar vida e cotidiano ao contexto escolar, ampliando os fazeres artísticos e estéticos por meio do pluralismo de ideias. Na EJA, a pesquisa mostrou que essas práticas encorajaram os educandos a se desafiarem, na medida em que eles compartilharam com os colegas um pouco de suas intimidades, dos seus mundos particulares, tentando estabelecer novos sentidos para o saber, a partir de suas explanações no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, estética do cotidiano, práticas de ensino em Artes Visuais.

---

<sup>1</sup> Artista/ Professor/ Pesquisador vinculado à rede pública estadual de ensino do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel e mestrado pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais das Universidades Federais da Paraíba e Pernambuco - UFPB/UFPE, na linha de pesquisa Ensino de Artes Visuais no Brasil.

## Introdução

*Todos os procedimentos são sagrados  
quando interiormente necessários.*

Wassily Kandinsky  
*Do espiritual na arte*

Este artigo objetiva discutir o ensino de arte na Modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, na região do Seridó norterio-grandense, buscando compreender como a nossa prática pedagógica, à frente do componente curricular Arte, pode afetar os educandos quanto ao desenvolvimento de uma consciência artística, estética, social e política.

A EJA é uma modalidade de ensino que vem tendo conquistas importantes no que tange à garantia do exercício da cidadania aos jovens e adultos que estão em defasagem com o ensino formal, à medida que oferece as condições necessárias à plena participação social de cada educando<sup>2</sup>. Esta garantia acontece tanto por meio dos processos pedagógicos que podem ampliar significativamente os saberes do educando em sala de aula, quanto por meio de políticas públicas centradas no sujeito e, por isto mesmo, respeitam os direitos humanos.

A noção de uma educação voltada para jovens e adultos encontra respaldo em diversos autores brasileiros, merecendo destaque a contribuição do estudioso Paulo Freire. Este pernambucano assegura que “o conceito de educação de adultos vai se movendo na direção da educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras” (FREIRE, 2001, p. 15). Além do mais, a Educação Popular tenta viabilizar as práticas cidadãs dos educandos da EJA, seja nesse contexto específico, o do Seridó, ou em esfera mais ampla.

Diante da complexidade que é a EJA o educador precisa redobrar sua atenção quanto à responsabilidade de fazer intervenções em um grupo que é constituído por pessoas diferentes que passam a conviver em um mesmo espaço: a sala de aula. Conhecer bem as características de cada turma favorece o exercício da flexibilidade e da tolerância, pois as histórias de vida, os ritmos particulares e as necessidades mais íntimas de cada um dos educandos precisam ser respeitados.

---

<sup>2</sup> O Governo do Rio Grande do Norte aprovou o seu Plano Estadual de Educação (PEE-RN 2015-2025) por meio da Lei Nº 10.049, de 27 de janeiro de 2016, visando o cumprimento disposto no art. 214 da Constituição Federal, no art. 142 da Constituição Estadual, bem como no art. 8º da Lei Federal Nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024). De acordo com a meta cinco (5) deste Plano, foi assumido o compromisso de elevar a escolaridade média da população de dezoito (18) a vinte e nove (29) anos, de modo a alcançar, no mínimo, doze (12) anos de estudo no último ano de vigência do mesmo plano, seja para a população do campo, das regiões de menor escolaridade no País, ou dos vinte e cinco por cento (25%) mais pobres, de modo a igualar a escolaridade média entre negros e não negros. Assim, fica acordado que o Estado deve assegurar, em regime de colaboração com a nação e os municípios, a oferta gratuita da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a todos aqueles que abandonaram os estudos formais ou que não tiveram acesso à Educação Básica na idade adequada.

O limite do campo empírico abrangeu apenas o nosso raio de atuação docente, que compreendia o trabalho realizado nas Escolas Estaduais Antônio de Azevedo, em Jardim do Seridó-RN, e Monsenhor Walfredo Gurgel, em Caicó-RN, sem contemplar a totalidade do trabalho docente/artista que é destinado a esta modalidade educacional nessa região específica.

Por se tratar de uma abordagem qualitativa em Arte/Educação realizada a partir das situações propostas em sala de aula, vale salientar que os dados apresentados foram construídos por nós ao longo do ano letivo de 2016/2017, junto às turmas do V, VI, VII e VIII período, que corresponde aos Anos Finais do Ensino Fundamental. Foram feitos em um diário de bordo os registros das observações empíricas abrangendo anotações sobre comportamento, bem como sobre situações curiosas que julgávamos importantes para uma melhor compreensão do fazer pedagógico em arte, nessa modalidade de ensino. O diário demonstrou ser uma ferramenta de grande relevância na hora de aproximar os dados, cruzando-os e analisando-os a luz da teoria especializada. Falamos de informações oriundas da oralidade, coletadas normalmente em rodas de conversas, assim como de depoimentos escritos pelos educandos, além das fotografias que registraram as intervenções artístico/pedagógicas no momento das aulas.

Procurávamos, por meio de processos artísticos envolvendo os “fazeres especiais” (RITCHER, 2003), mapear os educandos que realizavam algum desses “fazeres” no seu cotidiano. Nós os convidávamos a compartilhar seus conhecimentos com os colegas de curso, possibilitando, desta maneira, que eles próprios exercessem o papel de protagonistas de suas histórias. Essas práticas contrariavam os modos de ensinar e aprender arte na escola, revelando o potencial dos educandos para o exercício artístico no contexto escolar.

O ensino de arte na EJA da região do Seridó segue preceitos contemporâneos de arte, sendo alicerçado na “Abordagem Triangular”<sup>3</sup> (BARBOSA, 2009; 1998). Além de Ana Mae Barbosa, outros autores do campo da Arte e da Educação (DUARTE JUNIOR, 2010, 1983; FREIRE, 20014, 2001, 1996; ROMÃO, 2001) contribuíram com as reflexões apresentadas neste trabalho, elucidando questões ligadas às práticas de ensino em Artes Visuais que são propostas nas escolas do Seridó norterriograndense. Sendo assim, questionamos: como encontrar brechas no sistema de ensino público que permita ao educador acessar saberes e fazeres em arte na escola?

---

<sup>3</sup> A “Abordagem Triangular” nasceu dentro do Museu de Arte Contemporânea – MAC/USP entre os anos de 1987 a 1993 e foi sistematizada pela educadora pernambucana Ana Mae Barbosa. Esta tendência pedagógica envolve a construção do conhecimento na área de Arte por meio do fazer, do ler e do contextualizar a produção artística. A estudiosa pernambucana revisou essa “Abordagem” nos últimos anos, visando melhor atender aos objetivos do ensino de arte nas escolas e instituições culturais. Vale salientar que, assim como Paulo Freire, Ana Mae Barbosa também trabalha na perspectiva de um processo educacional que seja essencialmente político, na medida em que envolve o despertar de consciência quanto ao protagonismo social do educando em um contexto histórico cultural.

## O ensino de arte na EJA

A Arte, enquanto área autônoma do conhecimento, ocupa seu espaço na escola por meio de um ensino que perpassa a formação do educando, podendo, quando necessário, estabelecer diálogos com outros campos do saber. Na Educação de Jovens e Adultos o ensino de arte acessa saberes específicos da Área para apresentar conteúdos, metodologias e objetivos próprios. Desta maneira, buscamos agenciar processos de ensino e aprendizagem significativos para o educando, almejando mudanças para ele pelo exercício da reflexão crítica.

As discussões sobre o ensino de arte na EJA vêm ao encontro das abordagens feitas em torno da formação humana e cidadã que deve ser oferecida pelas instituições escolares no Brasil. Isso reforça o papel da arte como elemento sensível/educativo que está para além da apreciação, do deleite e do prazer estético, na medida em que instiga a curiosidade, depura a sensibilidade, favorece a experimentação e a abertura de espaço para a construção de novos conhecimentos. Nesta perspectiva, Paulo Freire acredita que o “exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 1996, p. 88).

O pesquisador José Eustáquio Romão espera que o trabalho do educador aconteça dentro de uma perspectiva política e esta dimensão da atividade docente avance por outros vieses. O próprio estudioso nos coloca que “a dimensão política do trabalho do professor se dá em três direções: uma para o sistema, outra para a própria categoria e, finalmente, a última para a comunidade, corporificada diretamente nos alunos.” (ROMÃO, 2001, p. 65). Interessa-nos, neste momento, pensar com o mestre sobre esta última abordagem. Isso, porque, em sua concepção, é importante recapturar a instrumentalidade do trabalho desenvolvido em sala de aula, de maneira que o ato pedagógico afine sua relação com as questões da funcionalidade do saber escolar. Esta é uma dimensão política que precisa ser resgatada para que o educando consiga estabelecer sentido entre o que se vive na vida prática com os saberes abordados na instituição de ensino. O oposto disso, ou seja, a perda da funcionalidade do saber escolar “provoca a evasão, a repetência, o desinteresse, a apatia do alunado.” (*idem*, p. 66). Além do mais, parece existir uma ideia instituída de que “os conteúdos e habilidades a serem adquiridos servem apenas para responder às avaliações propostas.” (*ibidem*, p. 66).

O estudioso João-Francisco Duarte Junior esclarece que a educação dos sentidos “deverá, de maneira reflexa, implicar numa educação mais sensível em si própria, isto é, menos interessada na



quantidade de informação a ser transmitida do que na qualidade de formação daqueles a ela submetida.” (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 34). Desta maneira, os objetivos do ensino de arte na EJA perpassam o entendimento de que o educando que frequentar esta modalidade educacional possa explorar as possibilidades da arte, ampliando seu repertório expressivo e sua capacidade de compreensão do mundo. (BRASIL, 2002, p. 137).

Compreender e utilizar a arte como linguagem expressiva é fundamental para desenvolver a imaginação, aguçar a percepção, a curiosidade e as buscas no campo do saber, da sensibilidade e das emoções. Nesta perspectiva, fazer arte, fruir e refletir sobre a produção artística e cultural da humanidade é uma maneira de ampliar as experiências sensíveis com o mundo, elaborando melhor os pensamentos e, conseqüentemente, acentuando a visão crítica por meio de uma leitura mais apurada da realidade circundante.

A relação que os educandos estabelecem com os materiais nas aulas de arte é fundamental para uma boa aprendizagem na Área. Experimentar e conhecer os materiais expressivos, bem como os instrumentos e os procedimentos que auxiliam na elaboração dos trabalhos criativos são premissas que o educador deve considerar na hora de assumir o componente curricular Arte. No entanto, a oferta de materiais em abundância não garante, por si só, a qualidade do ensino de arte. É preciso que o educador conheça e saiba manusear os materiais para poder ensinar com mais qualidade, articulando os conhecimentos e inovando os modos de abordar os conteúdos ao propor as atividades criativas.

No Seridó potiguar a realidade financeira das instituições de ensino básico reflete, muitas vezes, o modo do educador ministrar suas aulas, pois nem todas as escolas públicas conseguem oferecer materiais expressivos aos educadores para eles realizarem suas atividades em sala de aula. Com base em nossa pesquisa de mestrado (SANTOS, 2016) sobre o ensino de arte nessa região, podemos afirmar que, na maioria das vezes, as escolas só conseguem oferecer o material básico aos educadores. Chamamos de material básico papel ofício, lápis de cor, giz de cera, cola e tesoura. Com os materiais restritos, os educadores ainda convivem com a falta de uma sala específica para realizar as propostas criativas com suas turmas.

O ensino de arte qualificado trabalha a subjetividade e propicia ao educando que ele se sinta mais seguro internamente, à medida que vai organizando seus pensamentos e entendendo melhor os modos de ver, sentir, pensar. Com um espaço propício na escola para o ensino e a aprendizagem em arte fica mais fácil para o educando aprender sobre os bens artístico/culturais que estão sendo ou já foram produzidos pela humanidade, bem como de produzir e de fruir arte, além de ler melhor as



imagens do mundo. Tudo isto pode gerar transformação social à medida que contribui para que o educando se torne mais reflexivo, crítico e consciente das suas responsabilidades e dos seus direitos na hora dos enfrentamentos das questões práticas da realidade.

### **Conceitos norteadores**

O ensino de arte contemporâneo discute a possibilidade de integrar as várias culturas existentes, democratizando os saberes, respeitando a diversidade cultural e flexibilizando a maneira de fazer arte na escola. Nessa perspectiva, trabalharemos aqui com a noção de “interculturalidade” conforme abordou a estudiosa Ivone Mendes Richter na sua pesquisa “Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais” (2003). “Estética do cotidiano” e “fazeres especiais” são conceitos estruturantes da obra de Richter, que também utilizamos como norteadores de nossas práticas de ensino em artes visuais na EJA.

O termo interculturalidade refere-se à pluralidade cultural que se manifesta na sociedade atual, podendo uma determinada cultura ficar em interrelação com as demais, ou seja, “implica uma inter-relação de reciprocidade entre culturas”. (RICHTER, 2003, p. 19). Este é um processo que exige a promoção de valores como integração, tolerância e respeito mútuo para conseguir abranger a diversidade e as tensões que gera as aproximações, a convivência, as interrelações. Entretanto, a noção de cultura relaciona-se com a ideia de movimento e dinamismo, com a reinvenção de costumes e valores que norteiam tradições e significados, enquanto que “as relações culturais supõem relações de poder, desigualdade, contradições, e de que todas as modalidades de transmissão de cultura implicam, portanto, algum poder de dominação”. (RICHTER, 2003, p. 17,).

Para pensar a estética do cotidiano em sua pesquisa Richter buscou subsídios em alguns autores que trabalham com a temática e passou a considerar que

a estética do cotidiano subentende, além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõem e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida e de transformação. (RICHTER, 2003, p. 20-21).

A estudiosa também fez uma reflexão sobre a noção de valor estético e encontrou em Malvin Rader e Bertram Jessup subsídios para tecer a seguinte afirmação:

valor estético se relaciona com o prazer que o ser humano experiencia no simples olhar a natureza ou para objetos fabricados; o prazer em ouvir a canção dos pássaros ou uma música; em sentir um pedaço de madeira ou a textura da lã; em arrumar uma mesa atrativa ou um canteiro de flores. (RICHTER, 2003, p. 23,).

Por “fazer especial” compreendem-se aqueles fazeres estéticos que são carregados de sentido. Quando um trabalho “provoca em nós reações de emoção e sensibilidade,” despertamos para o “fazer especial”. Ivone Richter acredita que esta expressão refere-se àqueles fazeres que têm algo particular, pois retira “o objeto de sua simples função utilitária e o reveste de um sentido mais profundo e estético”. (RICHTER, 2003, p. 108).

Com a intenção de valorizar os educandos da EJA, respeitando suas singularidades, fazemos sempre um mapeamento na sala de aula para saber o que cada educando faz de especial, ou seja, o que cada um é capaz de fazer para revelar a esfera especial da realidade, conforme salienta Richter (2003). Esta pesquisadora trabalha numa perspectiva intercultural e é sensível à estética do cotidiano. Ela concorda com os estudiosos que asseguram que no período conhecido como pós-modernismo a arte deixa de ser vista como um fenômeno único para ser apreciada “como uma forma de produção e reprodução cultural, que pode somente ser compreendida dentro do contexto e dos interesses das suas culturas de origem e apreciação”. (RICHTER, 2003, p. 50). Nesse momento histórico atual, “busca-se dissolver as fronteiras entre a arte dita erudita e a popular, condenando-se o elitismo”. (*Idem*).

### **Compartilhando saberes**

Com este borramento de fronteiras entre o erudito e o popular, a arte passa a ser mais valorizada, uma vez que não cabem mais preconceitos daquele sobre este. Assim, a produção criativa de bonecas de Dona Maria Afra, educando no 4º Período da EJA, pode ser apreciada, discutida, manipulada. Tivemos uma aula toda reservada para ela, que se preparou e trouxe uma amostra significativa dos seus trabalhos em tecido para a escola. Além das bonecas, foi possível apreciar pesos para apoiar porta, suporte para pano de prato, entre outras peças. Os educandos fizeram perguntas sobre a produção, o processo criativo, as vendas, o tempo de trabalho, a rentabilidade etc. Dona Maria Afra teve oportunidade de responder a todas as indagações que lhes foram direcionadas de maneira clara e respeitosa. Ela demonstrou ser organizada e astuta quando se trata de sua produção, relatando que gosta muito de pesquisar novos materiais e modos de confeccionar suas peças. Pela movimentação e interesse que gerou na sala e pelo seu modo de falar sobre suas atividades criativas, ficou evidente que Dona Maria Afra faz um trabalho que “provoca em nós reações de emoção e sensibilidade”, ou seja, que se trata de um “fazer especial”. A estudiosa gaúcha Ivone Richter sublinha que esta expressão refere-se aqueles fazeres que têm algo particular,

capazes de retirar “o objeto de sua simples função utilitária e o reveste de um sentido mais profundo e estético”. (RICHTER, 2003, p. 108).

**Imagem I e II:** produção artística e interação dos colegas.

**Imagem III:** detalhe do trabalho de Dona Maria Afra.



**Fonte:** acervo pessoal do autor.

As bonecas de Dona Maria Afra nos levaram a uma experiência significativa em sala de aula. Elas despertaram em nós o sentido de “estética do cotidiano”, de belo que se encontra bem perto de nós, mas que muitas vezes não vemos, percebemos ou valorizamos. O desdobramento da atividade enveredou pela contação de história, já que tinha várias bonecas à disposição da turma. Desta maneira, elas foram protagonistas de uma narrativa, contada de improviso pelos educandos, cujo tema era o preconceito. A partir desta aula ficou ‘decretado’ que *homem, que é homem, brinca de boneca, sim senhor!* Assim terminou a história.

Um dos educandos que estava na aula relatou: *nunca tinha brincado de boneca porque aprendi em casa que isso não era coisa pra homem. Mas na sua aula, professor, brinquei pela primeira vez na vida e não me sinto menos homem por isso. Acho que vou até comprar uma*, indica. É interessante perceber o que a educação pode fazer com uma pessoa. Ao mesmo tempo em que pode expandir as experiências humanas, também pode restringi-las. Vemos a carga de preconceito que este educando carregava inconscientemente, apenas por não problematizar o que havia aprendido em casa, possivelmente com seu pai. Em aula ele pôde vivenciar uma experiência significativa ao participar de uma atividade criativa, aparentemente, ingênua, despreziosa. O relato reforça que ainda vivemos em uma sociedade machista e cheia de preconceitos.

### **As delícias da mesa**

João-Francisco Duarte Junior (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 91) salienta que a ação de comer pode ter um caráter ritualístico e até sagrado, pois em torno do fogão reúnem-se amigos para cozinhar e desfiar conversas durante o processamento alquímico de pratos, com seus temperos e especiarias.



Em sendo exercido com alegria e uma boa dose de devoção, portanto, o ato de comer parece congrega em torno a si uma série de prazeres sensoriais relativos ao olfato, à gustação, à visão e inclusive ao tato, fazendo brotar entre as pessoas até mesmo a arte da conversação. Os comensais partilham pratos e palavras; repartem sabores, perfumes e sentidos múltiplos. (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 92).

Para além dos sentidos gustativos, a mesa reúne em seu entorno uma série de saberes com grande potencial formador que são capazes de despertar os educandos da EJA para outras relações entre cotidiano e ensino de arte, trabalho e escola, comida e construção do conhecimento.

A educanda Jéssica destaca a confeitaria como algo de seu interesse especial. Ela faz doces como uma fonte de renda, no entanto, sua motivação está, inicialmente, no olhar de encantamento do cliente ao ver os docinhos na bandeja, seguida de uma expressão de satisfação que este faz ao saboreá-los. De qualquer maneira, o trabalho de Jéssica é marcado por suas buscas no campo dos sentidos, pois se inicialmente ela pensa em despertar a sensibilidade de seus clientes para os sabores, ela sabe que os cheiros, as texturas, as formas e a visualidade interferem no sucesso de sua atividade profissional. *A aparência é meio caminho andado*, esclarece a educanda, chamando a atenção para um fato, comum na profissão de confeitoiro: *o percurso de um confeitoiro é cheio de surpresas*. Jessica comenta que na cozinha, ao elaborar uma receita,

acontece muitos erros, além dos acertos. Nós vivemos fazendo experimentações, testando novas receitas, fazendo adaptações, pesquisando ingredientes, mas, principalmente, colocando amor naquilo que fazemos. Sem amor e criatividade qualquer receita desanda. Acho que o amor e a criatividade são os principais ingredientes do sucesso. Quando a gente enfeita um docinho, pronto, já podemos despertar o desejo das pessoas de comê-los. (Jéssica – relato feito em aula, em 27/04/2017).

**Imagem IV:** educanda apresentando seus fazeres especiais.

**Imagem V:** colegas assistindo a apresentação. **Imagem VI:** momento gustativo.



**Fonte:** acervo pessoal do autor.

Na compreensão de Richter, a pessoa que “arruma a mesa ou prepara um prato de comida não faz nada de especial, mas no momento em que ela coloca, conscientemente, nesse arranjo, padrões de cor ou de organização, está exercendo um compromisso artístico”. (RICHTER, 2003, p. 108,). De acordo com as referências da autora, essa pessoa pode estar transformando o momento em uma ocasião especial, pois o que seria apenas algo considerado banal, comer, ganha um sentido de

ritual. Isso pode ampliar a percepção das pessoas, despertando-as para as sutilezas, as delicadezas, os afetos.

Em sala de aula, outra educanda, assim como Jéssica, se empenhava em vencer essa etapa dos estudos. Eliane, ao longo do dia, tinha seu tempo dividido entre as atividades de cabeleireira e as atribuições de uma cozinheira, reservando as noites para o curso na EJA. Ela trabalhava com bolos e salgados, mas a sua especialidade eram as comidas de milho, com destaque para a canjica e a pamonha.

Eu gosto das coisas organizadas, gosto da harmonia e do equilíbrio. Isso vale para um corte de cabelo ou para o tempero do recheio de uma coxinha. O gosto tem que estar bom, o tempero bem equilibrado. É tanto que, quando estou trabalhando, na correria, o meu marido é quem faz isso, quem organiza e limpa tudo, porque ele sabe que eu preciso que as coisas fiquem em ordem. (Eliane – relato concedido ao educador em 20/04/2017).

**Imagem VII:** educanda em processo de trabalho.

**Imagem VIII:** momento de cozimento da canjica. **Imagem IX:** pamonhas prontas para consumo.



**Fonte:** acervo pessoal do autor.

Fica claro na fala de Eliane que ela é uma mulher bem articulada com as palavras. Ela esclarece que isso é reflexo da necessidade de criar bem os filhos; assim, ela teve que buscar trabalho em vários lugares e, com isso, aprendia muito. *Eu não tinha estudo (formal), aí tive que aprender tudo assim, na raça.* Na “raça”, na força de vontade, no desejo profundo de não perder a dignidade, desta maneira, essa mulher chegou a uma sala de aula da EJA.

A comida de milho, olhando à primeira vista, parece não ter muita relação com arte. No entanto, este pode ser um elemento disparador para iniciarmos em sala de aula uma profícua discussão sobre o que produzimos na comunidade, como e para que é produzido, além das questões envolvendo o consumo dessa produção. Vale ressaltar que toda a cultura que envolve as tradições nordestinas e as raízes do nosso povo passa pela cultura do milho. Milho, aliás, que agora é geneticamente modificado. Só isso já merece uma ampla reflexão em sala de aula. As discussões

coletivas têm o poder de revitalizar a identidade cultural dos educandos, ampliando seus olhares sobre as tradições e o patrimônio cultural do nosso povo.

### **Considerações finais**

Tratamos aqui sobre uma proposta destinada à educação de jovens e adultos envolvendo os fazeres práticos construídos no cotidiano, a partir das experiências vivenciadas pelo educando. Fazeres que, normalmente, estão imbuídos de saberes que permeiam a profissão, o meio de vida, a sobrevivência.

Nossa proposta de trabalho alimentou o sonho dos educandos na medida em que cada um pode falar de suas experiências cotidianas que, se no primeiro momento foram transpassadas por dores, frustrações e medos, no momento seguinte puderam ser ressignificadas para alcançar um estado de encantamento. Isso porque cada educando pode se esclarecer enquanto elaborava sua atividade e se fortalecer ao apresentar seu trabalho aos colegas. Assim, seus relatos deixaram claro que eles encontraram novas saídas para antigos problemas, tornando-se mais críticos por passar a compreender melhor os seus contextos de vida.

As dinâmicas das aulas buscavam envolver processos colaborativos, promovendo experiências de ajuda mútua e socialização, com o fim de depurar os sentidos para construir novos saberes, tornando os educandos mais críticos e exigentes no que tange a suas escolhas e a seus fazeres. Ao mesmo tempo, o trabalho buscava despertá-los para o sonho, o prazer e o encantamento pela escola, pelos estudos, pela convivência grupal.

Com o objetivo de superar uma visão reducionista da vida sociocultural, nossas práticas na EJA podem partir de diversos pontos. O mais importante é que sempre miramos uma finalidade na qual o saber do senso comum ceda lugar à criticidade, à conscientização, como postulava Freire. Desta maneira, trabalhar com os “fazeres especiais” foi uma maneira de respeitar os padrões culturais praticados na comunidade, valorizando os conhecimentos construídos no cotidiano das pessoas e compreendendo melhor as dinâmicas socioculturais da localidade.

O ensino de arte que praticamos no Seridó busca se integrar a vida e ao cotidiano dos educandos, ampliando os fazeres artísticos e estéticos por meio do pluralismo de ideias. Na EJA, percebemos que essas práticas encorajaram os educandos a se desafiarem, no sentido de compartilhar com os colegas um pouco de sua intimidade, do seu mundo particular, tentando estabelecer novos sentidos a partir de suas explanações no contexto escolar. Assim, deixamos o educando na qualidade de protagonista da sua história e de co-autor de processo pedagógico, com

autonomia para fazer suas escolhas de percurso e encontrar, no seu cotidiano, a potência capaz de fazê-lo construir novos saberes. Tudo isso mostra que a EJA funciona!

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do Ensino Fundamental. Brasília, 2002.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2010.

\_\_\_\_\_. **Por que arte-educação?** Campinas. Ed. Papiros, 1983.

FREIRE, Paulo. Educação de adultos: algumas reflexões. In: GADOTTI, Moacir & ROMÃO, José E. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte: e na pintura em particular**. Trad. Á. Cabral; A.P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ROMÃO, José E. Compromisso do educador de jovens e adultos. In: GADOTTI, Moacir & ROMÃO, José E. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

SANTOS, Jailson Valentim dos. **Sertão de luz, pedra e resistência: caminhando por territórios docentes em artes visuais no Seridó-RN**. Dissertação (Mestrado) - UFPB-UFPE. João Pessoa-PB, 2016.